

195

TRAGÉDIA

Com o território ameaçado e subnutridos, os índios maxakalis tentam sobreviver à força destrutiva das bebidas



ISABELA ABDALA E ALAN RODRIGUES (FOTOS), DE BERTÓPOLIS (MG)

No norte de Minas Gerais, entre o Vale do Mucuri e o do Jequitinhonha, os maxakalis eram o símbolo da resistência entre os povos indígenas. Depois de 200 anos de contato com os brancos, não se deixaram contaminar por culturas alheias. Ainda hoje, apenas alguns poucos homens da tribo falam português. Um exemplo desse esforço de preservação são os sete casos de índios albinos na tribo, frutos de uma mutação genética em função de casamentos entre parentes próximos. Os maxakalis foram perseguidos, suas terras invadidas, mas conseguiram resistir a quase tudo o que vinha do homem branco. Quase tudo. Eles caíram numa armadilha comum entre os ditos civilizados: pegaram gosto pelo álcool e hoje vivem uma tragédia que ameaça o futuro da tribo. Noventa por cento deles são alcoólatras. Essa estatística não se restringe à população adulta. Crianças de oito e nove anos já bebem como gente grande. Quando falta a cachaça, os índios tomam qualquer coisa: perfume, desodorante, éter. O álcool virou artigo de luxo na aldeia, abrindo espaço para os comerciantes das cidades vizinhas manipularem os costumes da tribo.

Duas crianças maxakalis já foram atendidas pelo Centro Geral de Pediatria em Belo Horizonte com problemas de

alcoholismo. O mais velho, com nove anos, chegou quase morto ao hospital com o fígado e o baço perfurados e um avançado quadro de desnutrição. A mais nova, com menos de um ano de idade, também precisou ficar internada porque havia ingerido álcool. Os pais das crianças, que estavam em Belo Horizonte, fugiram da casa do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), onde estavam hospedados, e foram encontrados dois dias depois na praça Santa Tereza completamente alcoolizados. Quando não ingerem diretamente, as crianças acabam recebendo o álcool pelo leite materno. Não raro as mães bebem até cair desmaiadas e deixam seus bebês berrando de fome. No último dia 1º, os índios Miguelzinho, 35 anos, e Mani, 60 anos, morreram depois de entrar em coma alcoólico na Aldeia Água Boa. Segundo relatos dos médicos que atendem na região, pelo menos dois maxakalis já morreram de insolação depois de caírem na sarjeta.

No hospital São Vicente de Paulo, em Águas Formosas, único da região que aceita atendê-los, os registros são dramáticos. Os índios não procuram ajuda médica quando estão bêbados. Nessa hora eles desaparecem. Vão parar no hospital depois das sangrentas brigas que travam entre si. São braços e pernas quebrados, fraturas expostas, cortes profundos e até braços decepados. Os maxakalis são conhecidos como índios dóceis e alegres, mas se tornam extremamente

Aldeia etílica

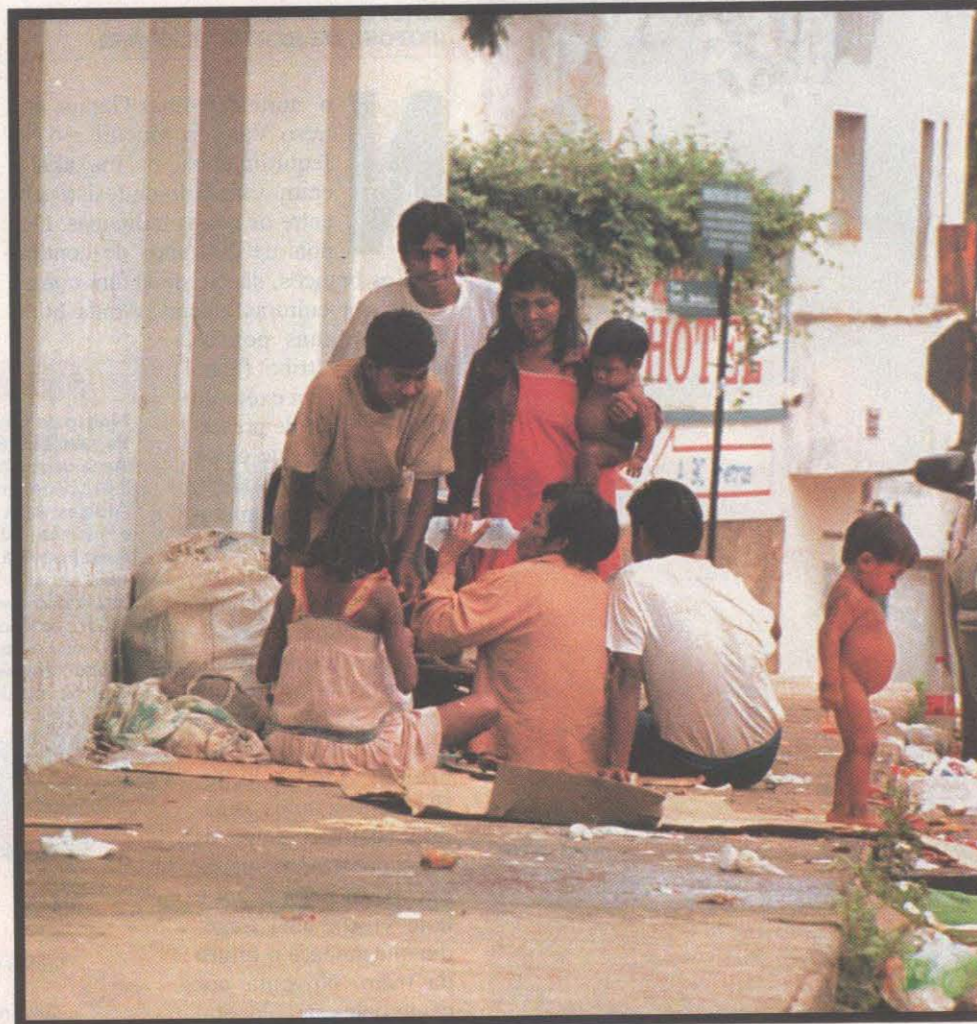
Nome do povo: maxakali
População: 780 pessoas
Área ocupada pelos índios: 3.441,08 hectares
Aldeias: Água Boa (2.412,69 ha) e Pradinho (1.028,39 ha)
Área invadida por fazendeiros: 1.852 hectares
Município: Bertópolis (MG), a 660 km de Belo Horizonte e próximo à divisa com o sul da Bahia
Tronco linguístico: macro Jê-família maxakali



TODO DIA É DIA DE ÁLCOOL

BRASIL

agressivos quando estão sob o efeito da bebida. "Eles brigam com o que têm na mão: facão, enxada, pau e geralmente família contra família. Outro dia mesmo fiz uma necropsia que me assustou. Uma índia matou um índio com uma machadada que desmontou a cabeça dele", conta a médica do hospital São Vicente, Lede Jane Coutinho. Na última semana, a população de Teófilo Otoni, a 250 quilômetros da tribo dos maxakalis, assistiu a uma série de agressões entre eles, nas ruas e praças da cidade mineira. Duas índias foram encontradas por ISTOÉ embriagadas e caídas nas calçadas. Há cerca de um mês elas já haviam brigado. Uma delas, que se identificou como Serriinha, bateu com a cabeça da outra contra o chão repetidas vezes, provocando traumatismo craniano. ISTOÉ presenciou uma briga do cacique Pimenta com sua mulher. Ambos estavam embriagados. Irritados, os índios não aceitam nenhuma aproximação nessa hora. "O negócio é tão feio que quando eles estão brigando eu nem chego perto. Fico trancado aqui e só saio quando me chamam para socorrer um deles", contou o técnico de enfermagem da Funai que mora dentro da Aldeia Pradinho, Carlos Alberto Pereira da Silva.

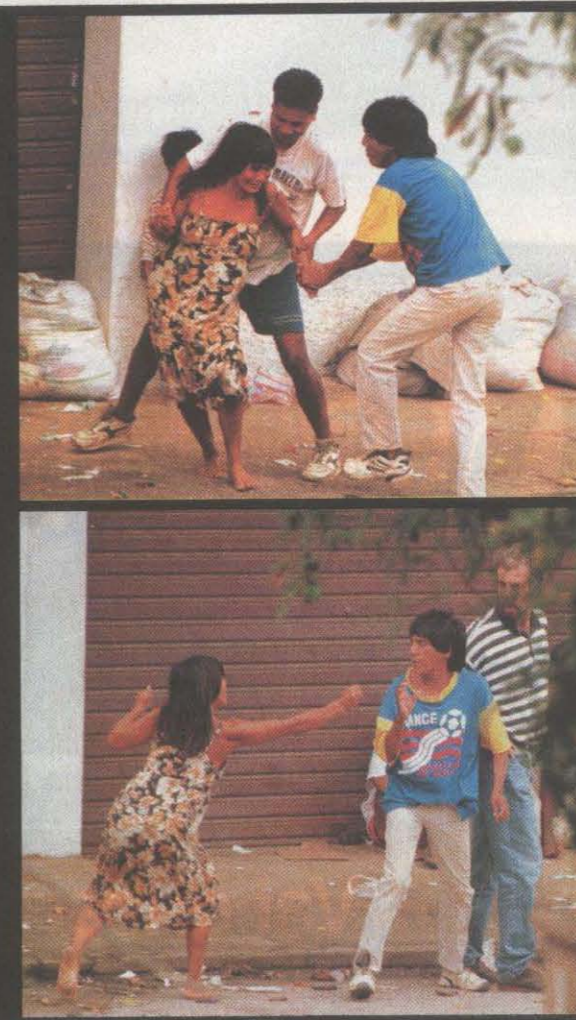


Doença dos espíritos Com suas brigas e quebraadeiras, já deram muitos prejuízos ao hospital que sobrevive de doações e dos minguados recursos do SUS, que não cobrem o número de internações. Da Funai, não recebem um centavo. Quando um maxakali precisa ser internado, a família inteira se muda para o hospital. É que na cultura deles a doença é causada por espíritos e, portanto, a família deve estar unida para se tratar. À noite, pulam o muro, vão para os botecos e acabam se agredindo dentro do próprio hospital. "A gente passa muito aperto aqui com eles", queixa-se o diretor do hospital, Manoel Cardoso Vieira. Em número de atendimentos, a violência entre os maxakalis só perde para a desnutrição. No passado, viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos. Hoje estão restritos a um pedaço de terra e não possuem tecnologia para se tornarem agricultores, já que tradicionalmente

são índios coletores. Sobrevivem das cestas básicas da Comunidade Solidária que sempre chegam com atraso. A antropóloga Ruth Cardoso, presidente do Comunidade Solidária, certamente ficará decepcionada quando souber que faltam comida e também um pouco de antropologia no prato dos maxakalis. Na cesta com seis produtos, dois deles são desprezados pela tribo. Tradicionalmente não comem feijão e fubá de milho. Até que nestes tempos de vacas magras, se esforçam para ingerir o feijão, mas o fubá não desce. No mesmo dia em que recebem os alimentos, caminham até as cidades vizinhas no sul da Bahia e no norte de Minas para trocar boa parte dos produtos que recebem por álcool. Quando não têm mais

nada para trocar, perambulam pelas estradas pedindo dinheiro. "No início eles andavam à procura de caça e pesca e agora percorrem quilômetros e mais quilômetros atrás de álcool. Cada vez mais eles estão ampliando seu raio de caminhadas", comentou o advogado do Cimi, Luiz Chaves. Para garantir a continuidade do vício, os índios já estão encontrando formas de burlar a lei que proíbe que lhes vendam bebidas alcoólicas. Como ocorreu em Teófilo Otoni, os maxakalis pedem a alguém da cidade para realizar a compra. Usam mendigos e meninos de rua em geral. Na tentativa de disfarçar, passam a bebida para garrafas de refrigerante. "Uma dose de álcool já é suficiente para derrubá-los porque

Como mendigos, os maxakalis ficam nas ruas pedindo dinheiro e bebendo. Sob o efeito do álcool, os índios brigam e acabam sofrendo ferimentos graves ou até se matando



eles são desproteinizados", comenta o médico Manoel Messias, do hospital de Águas Formosas. A miséria em que vivem os maxakalis é fruto do problema fundiário. Demarcadas em 5.305 hectares, as terras dos maxakalis são invadidas por 16 fazendeiros que ocupam a melhor área, por onde passa o rio Umburanas. As invasões separam as duas aldeias, Água Boa e Pradinho. Diariamente quando fazem a trajetória de uma aldeia para outra, deparam-se com um fato que os deixa especialmente magoados: em cima do cemitério dos seus antepassados, onde costumavam praticar seus rituais sagrados, hoje existe um curral. "Há muito tempo fazendeiro tá na terra dos índios. Já denunciamos para Bra-

sília, mas fazendeiro fala que só sai quando receber dinheiro", comenta o índio Doutor Maxakali. Depois que a terra foi demarcada em 1993, o governo chegou a liberar recursos na ordem de R\$ 450 mil para indenizar as benfeitorias dos fazendeiros. Mas os invasores não aceitaram o valor proposto porque querem ser indenizados também pelas terras. Com atraso de dois anos, o Ministério Público e a Funai entraram com uma ação de reintegração de posse, que está em curso. O Cimi, no entanto, defende uma solução mais rápida. Acredita que a Funai deveria pagar a indenização dos fazendeiros em juízo e chamar a Polícia Federal para desocupar a área, uma vez que ela já está demarcada e registrada. "Para mim o fato de eles

beberem tanto está associado à questão da terra. É como se invadissem a sala da sua casa e depois lhe tomassem o quarto, deixando-lhe confinado no banheiro. Eles perderam a auto-estima. Sem resolver o problema fundiário não se pode tentar nada para combater o alcoolismo. É como dar um remédio falsificado para um doente de câncer", avalia Luiz Chaves.

Trabalho por cachaça A relação do povo maxakali com o álcool data da década de 20. Segundo os estudiosos da tribo e velhos moradores da região, eles começaram sendo incentivados pelos fazendeiros que trocavam jornadas de trabalho por garrafas de cachaça. "Gostavam de dar bebida ao índio para vê-lo bêbado e rir à sua custa", comenta Maria Hilda Paraiso, antropóloga da Universidade Federal da Bahia. Os motivos sempre foram vis e continuam sendo ainda hoje. Apesar de ser proibida a venda de bebida alcoólica ao índio, os comerciantes locais não respeitam a lei e aproveitam para vender mais caro o produto. Um litro de álcool puro chega a ser vendido por R\$ 10. Na hora da troca, eles também são ludibriados. Trocam sacos de até 80 quilos de feijão por uma simples garrafa de cachaça. Não têm a consciência do mal que faz o álcool, mas sabem que estão fazendo algo de errado e negam de pés juntos que sejam viciados. "Pequi não gosta de caiboca (cachaça). Nunca bebe" (sic), repete o índio Pequi, que exalava álcool e mal conseguia ficar em pé.

Antropólogos e pesquisadores que conhecem a história dos maxakalis tentam encontrar uma resposta para a verdadeira obsessão que eles têm pela bebida. "Me impressionou muito a dignidade e a integridade desse povo. Não acredito que possam ser rotulados de alcoólatras. O alcoólatra em último grau se incapacita para a produção e para a reprodução. E não foi isso que eu vi", comenta a antropóloga Lúcia Helena Rangel, da PUC de São Paulo. ■



Luiz Chaves, advogado do Cimi

"O fato de os maxakalis beberem tanto está associado à

questão da terra. Eles perderam a auto-estima"